



Como Vai a Vida ?

Entendendo a economia da felicidade



 **FGV SOCIAL**
CENTRO DE
POLÍTICAS SOCIAIS

cps.fgv.br/felicidade

Como Vai a Vida?

Entendendo a economia da felicidade

Marcelo Neri
FGV SOCIAL

2019

Neri, Marcelo C.

"Como Vai a Vida? Entendendo a economia da felicidade" (Marcelo Neri), Rio de Janeiro, RJ – Março de 2019 - FGV Social – 36 páginas

Inclui bibliografia.

ISBN:

1. Felicidade. 2. Bem-estar Social. 3. Percepção. 4. Dados Globais. 6. Políticas Públicas

Como Vai a Vida? Entendendo a Queda de Felicidade (2014-18)¹

Marcelo Neri

Prefácio

O dinheiro traz a felicidade? Quais são as relações entre economia e bem-estar social no Brasil e no mundo? O país é ponto fora da curva? Para além de aspectos estruturais captados em dados globais, o Brasil sofreu nos últimos anos a pior recessão da sua história estatisticamente documentada, oferecendo a oportunidade de testar estes aspectos do caso brasileiro: a qualidade de vida aqui piorou mais ou menos que a de outros países? Como vai a vida do brasileiro? Por que piorou a felicidade geral da nação? Desemprego, desigualdade, desilusão com a política, ou todas as alternativas acima? Quem sofreu mais com a recessão brasileira? Mulheres, moradores do campo e/ou analfabetos? Ou ainda quem perdeu mais felicidade pobres, ricos ou a chamada nova classe média? Estas são algumas questões que a presente pesquisa procura responder.

O PIB é usado como síntese do sucesso econômico. Se quisermos aferir o progresso dos povos, temos de nos debruçar sobre outras dimensões da experiência humana. Um bom roteiro é encontrado no livro de Stiglitz, Sen e Fitoussi: “*(Mis)Measuring Our Lives*”. O livro reflete as conclusões de uma comissão de notáveis sobre como medir o progresso das nações aqui nomeadas em quatro vertentes: prosperidade, igualdade, sustentabilidade e sensibilidade. Medimos e relacionamos estes elementos para captar a relações pré-crise e entender a marcada queda de bem estar social ocorrida durante a grande recessão brasileira dos últimos quatro anos.

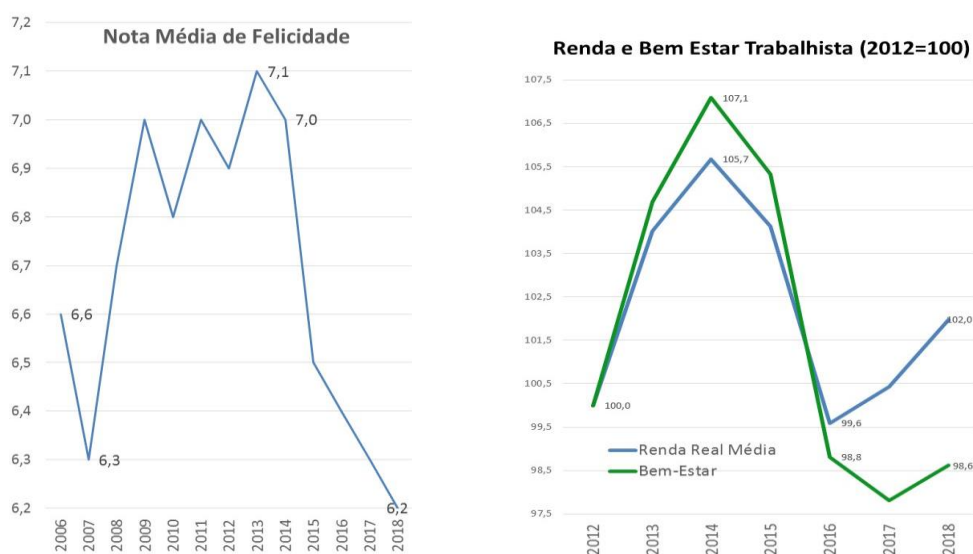
Conferimos aqui *ênfase na evolução recente a partir de microdados subjetivos e objetivos*. O brasileiro sofreu desde 2014 uma severa queda do seu PIB per capita. Agora a perda de bem estar medido de forma objetiva e subjetiva caiu ainda mais. Este prefácio mede, compara e busca entender os determinantes próximos da queda da felicidade geral da nação nos quatro últimos anos a partir de microdados de pesquisas domiciliares até dezembro de 2018.

¹ Veja a pesquisa em <https://cps.fgv.br/felicidade>

A Evolução da Felicidade

A pergunta metodológica inicial é como sintetizar a evolução do bem estar geral da nação em um único número? Oferecemos duas visões complementares uma baseada em avaliações subjetivas e outra calcada em dados objetivos de renda descontando os efeitos da desigualdade proposta por Amartya Sen (1973).

Nota média de Felicidade, Renda Média e Bem Estar Trabalhista



Fonte: FGV Social a partir da PNADC Trimestral e dos microdados do Gallup World Poll

Numa escala de 0 a 10 o brasileiro deu uma nota de 6,2 a sua satisfação com a vida em 2018. É o ponto mais baixo das séries iniciadas em 2006. A queda começa em 2013, ano das manifestações de rua brasileiras quando a nota média era 7,1. Como veremos é uma das três piores quedas globais.

A maior queda da série de felicidade foi de 7,14% em 2015, a mesma queda obtida a partir dos dados de bem estar social objetivos calculados a partir da PNAD/IBGE levando em conta o nível e a distribuição da renda que chegou ao bolso dos brasileiros. Há um paralelo mais claro entre a trajetória de felicidade e a de bem estar objetivo, do que com o PIB ou a média de renda. A trajetória da renda per capita média e a do PIB descolam da do bem estar subjetivo no período recente. A retomada da economia não está expressa nas respostas de felicidade que seguem caindo no triênio 2016 a 2018. Sugerindo que a perda de felicidade está sendo influenciada por outros

fatores para além da economia. Entre os fatores de desilusão adicionais ressaltamos altas do desemprego e da desigualdade, um certo descrédito no sistema (política, corrupção, violência).²

Felicidade, a Foto e o Filme: Quem piorou mais na crise?

Brasil	2013	2018	Mudança 2018-2013
Total	7,1	6,2	-0,9
Masculino	7,2	6,1	-1,1
Feminino	6,9	6,2	-0,7
Ensino Fundamental ou menos	6,9	5,7	-1,2
Mais que o Ensino Fundamental	7,2	6,5	-0,7
20% mais pobres	6,1	5,6	-0,5
2º 20% (20%-40%)	7,1	5,9	-1,2
3º 20% (40%-60%)	7,3	6,3	-1
4º 20% (60%-80%)	7,4	6,3	-1,1
20% mais ricos	7,5	7	-0,5
Emprego em tempo parcial	7	6,2	-0,8
Emprego em tempo integral	7,3	6,3	-1
Avaliação da Vida (prosperando)	8,4	8,3	-0,1
Avaliação da Vida (sofrendo)	5,2	4,8	-0,4
Aprovação da liderança política	7,1	6,7	-0,4
Desaprova da liderança política	7	6,1	-0,9
Grandes Cidades	7,1	6,1	-1
Campo e Pequenas Cidades	7,1	6,3	-0,8
Casados	7,3	6,3	-1
Não Casados	6,9	6,1	-0,8

FGV SOCIAL

- Homens (-1,1 pt)
- Menos educados (-1,2 pt)
- Grupo do meio (-1 pt)
- Desaprovam cresceram e caíram + (-1 pt)
- Grandes Cidades(-1 pt)
- Casados (-1 pt)

Fonte: FGV Social/CPS a partir dos microdados do Gallup World Poll

Por que piorou mais?

Há inversão da felicidade por gênero. Agora os índices femininos estão acima dos masculinos. A renda das mulheres subiu 2% e a dos homens caiu 5% desde 2014. A relação entre renda e felicidade é clara na foto e no filme: nota 7 para os 20% mais ricos contra 6,2 para o total. Assim como com a educação principal determinante da renda: nota 5,7 para aqueles sem ensino fundamental completo. A queda dos mais ricos e educados foi menor função da alta de desigualdade.

Cidades Menores embora mais pobres tiveram menor perda de felicidade que as maiores rendas influenciados pelo agravamento de deseconomias urbanas no período. Pesquisa anterior nossa mostra que a parcela de brasileiros desaprovadores das lideranças políticas caiu a pisos recordes globais no período. A nota do grupo é menor cai e mais no período.³

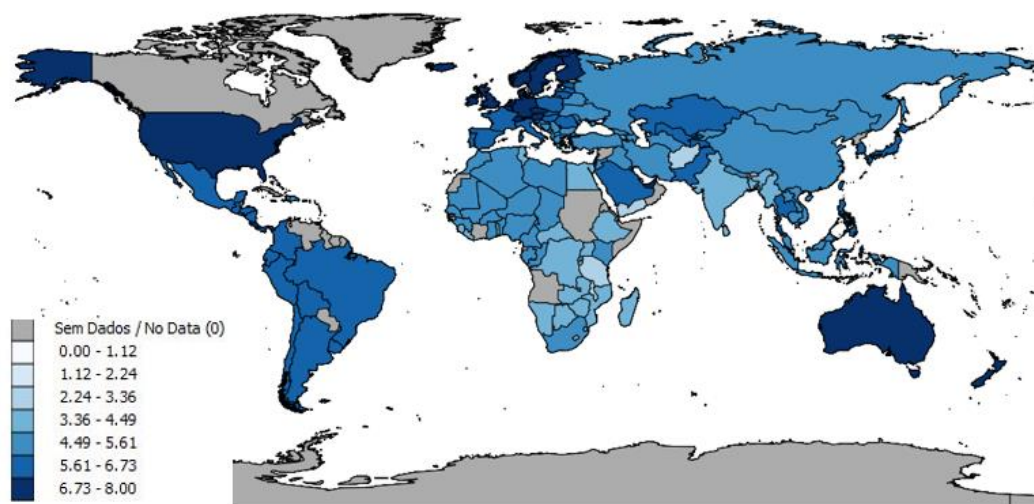
² Alguns determinantes sociais e geográficos podem ser acessados no simulador :

<https://www.cps.fgv.br/cps/bd/ncm2014/IndiceFelicidadeP/index.htm>

³ Vide: Percepções da crise <https://cps.fgv.br/percepcoes>

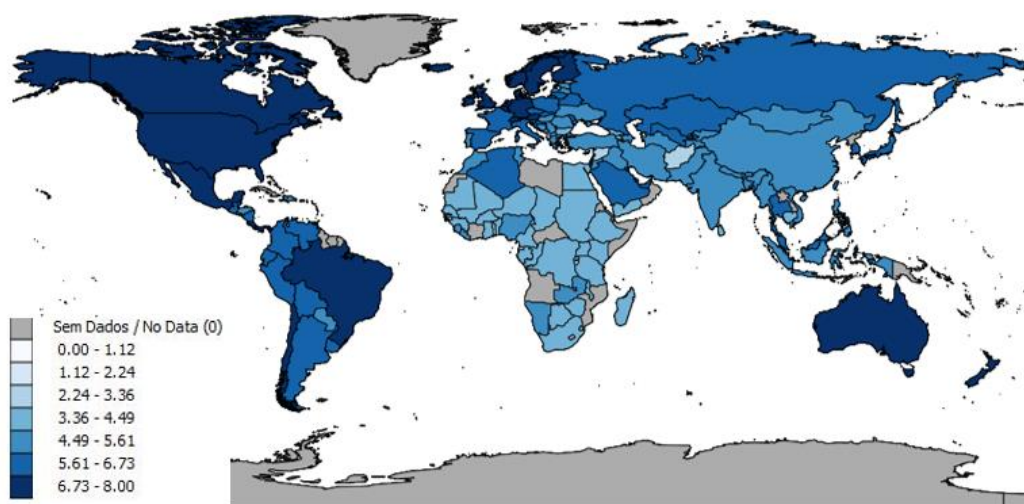
Mapa Global da Felicidade (2017-2018)⁴

FGV SOCIAL



Mapa Global da Felicidade (2013-2014)

FGV SOCIAL



	2005/2006	2007/2008	2009/2010	2011/2012	2013/2014	2015/2016	2017/2018
Brasil	6,60	6,50	6,90	6,95	7,05	6,45	6,25

Fonte: FGV Social/CPS a partir dos microdados do Gallup World Poll

⁴Felicidade <https://cps.fgv.br/mapa-mundi-felicidade>

Resumo do Ranking de Felicidade

Conforme a tabela abaixo o Brasil ocupa o 37º lugar de uma lista de 143 países no biênio 2017-18. O podium era formado pelos países nórdicos Finlândia, Dinamarca e Noruega ricos e igualitários. Já os lanternas globais eram Tanzânia, Yemen e Afeganistão. Países não só pobres como instáveis.

Em relação aos nossos vizinhos sul americanos: Chile e Uruguai estão à frente do Brasil, mas Colômbia e Argentina estão atrás. Em 2013-14 Brasil era 17º do ranking global a frente de todos os vizinhos sul americanos.

O que chama mais a atenção nessas estatísticas é a perda brasileira de posições no ranking de felicidade nos últimos quatro anos. No ranking da perda de felicidade no período o Brasil está ao lado do Yemen e apenas atrás de Malawi e Zimbawe em termos de perda de felicidade presente.

Ranking de Felicidade⁵

Geografia	MÉDIA DE FELICIDADE			RANKING		
	2017/18	2013/14	VARIACÃO*	2017/18	2013/14	VARIACÃO*
Total	5.49	5.44	0.06			
Finland	7.85	7.40	0.45	1	5	34
Norway	7.60	7.40	0.20	2	5	53
Denmark	7.60	7.55	0.05	2	1	68
Chile	6.35	6.75	-0.40	29	24	115
Uruguay	6.30	6.50	-0.20	33	31	101
Brazil	6.25	7.05	-0.80	37	17	132
Colombia	6.10	6.50	-0.40	46	31	115
Argentina	5.90	6.65	-0.75	56	26	131
Bolivia	5.70	5.85	-0.15	62	55	93
Peru	5.70	5.85	-0.15	62	55	93
Tanzania	3.35	3.70	-0.35	140	137	114
Yemen	3.30	4.10	-0.80	142	126	132
Afghanistan	2.70	3.35	-0.65	143	143	127
Número de países				143	146	137

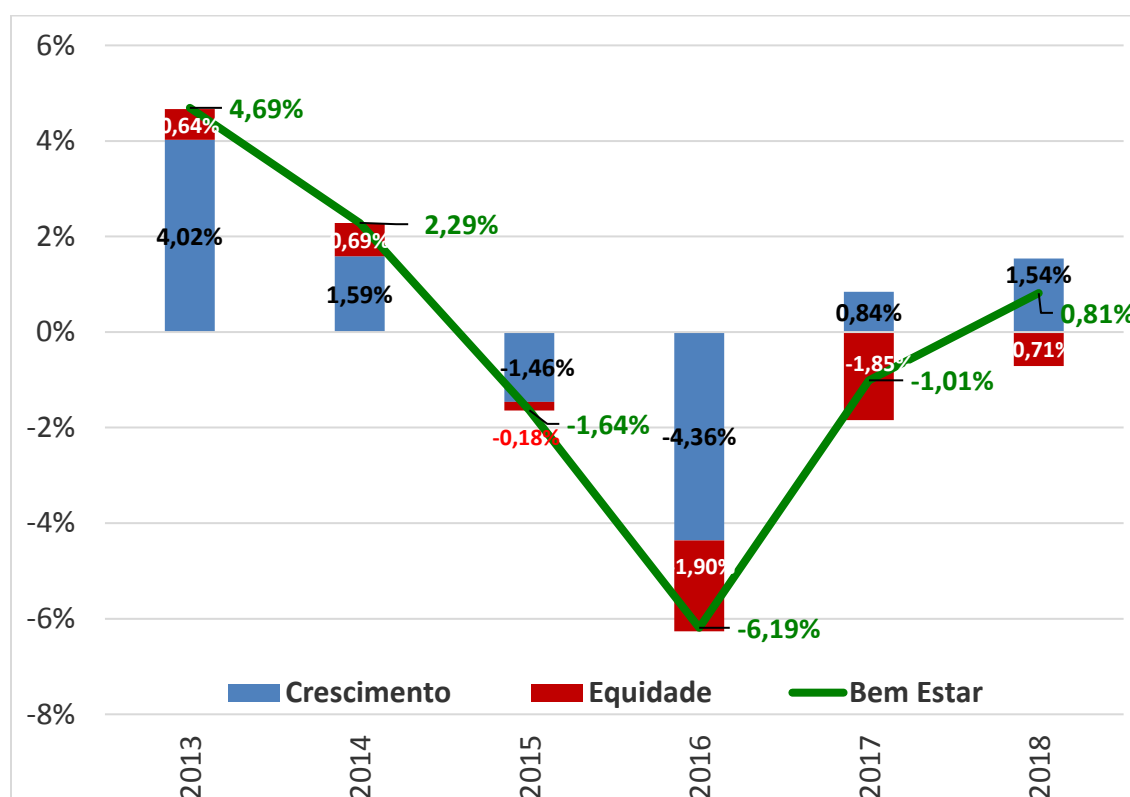
Fonte: FGV Social/CPS a partir dos microdados do Gallup World Poll

⁵ Acesse o gráfico interativo do ranking (síntese) em <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/graficos/felicidade/Felicidade-total.htm> e o ranking completo em https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Pesquisa-Felicidade_Rank-Completo_FGV-Social.pdf

Bem-Estar Social Objetivo⁶

A renda do trabalhador brasileiro subiu 2,3% em 2018, a maior taxa dos últimos 4 anos, mais que nas Contas Nacionais. Em termos per capita a renda do trabalhador também incluindo informais e desempregados sobe 1,54%. A má notícia é que a equidade caiu 0,71% em 2018, fechando quatro anos de piora contínua desse quesito o que não aconteceu nem mesmo antes de 1989, nosso pico histórico de desigualdade. A medida objetiva de bem estar social que resume os dois lados volta a subir (0,81%) em 2018 depois de 3 anos de queda mas menos que a retomada da renda pelo efeito da menor equidade.

Crescimento, Equidade e Bem-Estar Social Objetivo Trabalhistas Taxas Anuais



Fonte: FGV Social a partir e dos microdados da PNADC Trimestral

⁶ Vide: Qual foi o impacto da crise sobre a pobreza e a distribuição de renda?

https://cps.fgv.br/Pobreza_Desigualdade

Conclusões:

Voltando às Perguntas Iniciais sobre a Qualidade do Crescimento no período de 2014 a 2018:

- Quanto Cresceu? Enfatizar renda na perspectiva das famílias (não apenas o PIB per capita) - A renda do brasileiro que vinha crescendo mais que o PIB até 2014 passa a cair mais.

- É Inclusivo? Medidas de Distribuição; - A desigualdade que vinha caindo está em alta, ou pelo menos o bem estar objetivo tem crescido menos que o PIB

- É Sustentável? renda e carteira de trabalho que dão segurança as pessoas caíram e a situação fiscal restringe a possibilidade de transferências aumentando os riscos percebidos;

- É Percebido pela população? Medidas subjetivas tiveram queda mais forte que as objetivas;

- O filme dos últimos anos revela uma grande regressão social. O Brasil dos brasileiros tem piorado na crise ainda mais que o PIB; Desemprego, desigualdade e desilusão com a política estão entre os agravantes adicionais.

O restante deste artigo trata da relação estrutural entre renda e felicidade, e demonstra, a partir da avaliação dos dados de uma amostra de mais de 100 países, que correlacionando os dados de satisfação de vida com os componentes do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) obtém-se que a renda explica cerca de 66% da variação da satisfação contra 31% da expectativa de vida, ficando menos de 3% explicados pelos dois componentes de educação. Observa-se que nenhum país entre os países pesquisados apresenta menor correlação entre renda e felicidade que o Brasil. Isto é exemplificado, nos dados nacionais de pesquisa de campo realizada no Brasil, pelo fato de a região Nordeste brasileira, embora a mais pobre, apresentar o maior nível de felicidade presente. Boa parte da relação entre renda e felicidade no Brasil é explicada pela passagem daqueles sem renda para um nível de renda familiar de até um salário mínimo, sugerindo um potencial de políticas voltadas aos mais pobres. A relação controlada entre variação de renda implícita na expansão do Programa Bolsa Família (PBF) e a variação de felicidade da mesma pessoa ao longo do tempo indica que os beneficiários do PBF ganham um adicional de 0,41 ponto de felicidade em

relação aos não beneficiários. Este resultado, tomado a valor de face, implicaria que políticas redistributivas aos mais pobres poderiam levar a maior felicidade agregada da nação no curto prazo.

Materiais Relacionados⁷

Livro



Percepções da população sobre políticas públicas

<https://cps.fgv.br/livros/percepcoes-da-populacao-sobre-politicas-publicas>

Pesquisa



Percepções da crise

<https://cps.fgv.br/percepcoes>

⁷ Veja a presente pesquisa e dispositivos em <https://cps.fgv.br/felicidade>

A FELICIDADE ACOMPANHA A RENDA?

1 INTRODUÇÃO

O senso comum indica que a felicidade pode ser considerada como o objetivo último de cada pessoa. O estudo da satisfação com a vida, portanto, tem um interesse intrínseco, bem como outras motivações, como a avaliação de políticas públicas alternativas e a solução de quebra-cabeças empíricos da economia. Em relação a este último aspecto, o paradoxo provavelmente mais intrigante a ser explicado é a correlação extremamente fraca que diversos estudos apresentam entre renda, a variável mais venerada em economia, e felicidade. Inúmeros países que experimentaram uma considerável elevação na renda real desde a Segunda Guerra não observaram, na mesma proporção, um aumento no bem-estar autoavaliado pela população; pelo contrário, a percepção deste estado de satisfação vem até diminuindo nos últimos anos.

Em um dado ponto na vida das pessoas, renda mais alta está positivamente associada à ideia de felicidade; contudo, ao longo do ciclo de vida e ao longo do tempo, esta correlação mostra-se fraca, como defendido na teoria chamada Paradoxo de Easterlin. As pessoas adaptam suas aspirações aos maiores ingressos e se tornam mais exigentes à medida que a renda sobe. Como será visto adiante, esta visão foi mais recentemente desafiada por resultados empíricos baseados em dados do Gallup World Poll, que cobrem mais de 132 países, apresentados por Angus Deaton (2007, 2013). Agora, à luz dessa controvérsia, como se comporta a relação entre renda e felicidade no caso brasileiro? Esta pergunta pode ser respondida comparativamente, usando microdados para diferentes países, ou, ainda, combinando dados nacionais com políticas de transferência de renda instituídas no país nos últimos anos.

Este artigo revisita a ligação entre renda e felicidade, com base na experiência brasileira. O trabalho está dividido em oito seções. Na segunda, será revisada brevemente a literatura sobre esta relação, que deu origem ao campo que pode ser denominado economia da felicidade. Na terceira seção, apresenta-se um estudo empírico feito a partir do mesmo conjunto de dados usado por Angus Deaton, focalizando na associação entre renda e satisfação com a vida. Uma contribuição dessa seção é testar diferentes especificações funcionais, com o emprego de dados agregados entre países. Outra é tirar partido da possibilidade de gerar um indicador de riqueza individual para medir como varia a relação riqueza e felicidade entre pessoas de diferentes países, tomando o caso brasileiro como base.

A quarta seção aborda a correspondência entre renda e felicidade no contexto mais geral do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculando o peso de cada um dos três componentes (renda, saúde e educação) para a felicidade presente do indivíduo e testando simultaneamente o impacto de cada um deles sobre a noção de satisfação com a vida.

Na quinta seção, argumenta-se em favor do uso de informações de satisfação com a vida em diferentes instantes do tempo para explorar algumas implicações do modelo intertemporal de escolha entre consumo e poupança. Em particular, há a convicção de que o uso de medidas de satisfação com a vida em diferentes momentos – no passado, no presente e no futuro –, quando visto de um único período, permite endereçar empiricamente os efeitos do ajuste de aspirações individuais. Discutem-se em seguida as relações empíricas entre renda e felicidade em diferentes horizontes de tempo.

Na sexta seção, estuda-se a relação entre renda e felicidade no caso brasileiro, usando dados coletados pelo Ipea. Finalmente, a sétima seção propõe o emprego de programas de transferência de renda como o Bolsa Família como uma medida quase exógena de variação de renda para avaliar os impactos da mesma sobre a satisfação com a vida de uma pessoa em diferentes instantes do tempo. As principais conclusões sobre a relação entre renda e felicidade são deixadas para a oitava seção do artigo.

2 REVISÃO DA LITERATURA PREGRESSA

A fraca e volúvel relação entre renda e felicidade nos estudos empíricos motivou pesquisadores a dar um passo adiante na posição “objetivista” da teoria econômica, baseada somente nas escolhas feitas pelos indivíduos e que podem ser observadas. Na abordagem tradicional, a utilidade individual depende apenas de bens tangíveis, serviços e lazer, e é inferida quase que exclusivamente do comportamento (ou preferência revelada). A abordagem axiomática da preferência revelada explica que as escolhas feitas fornecem toda a informação necessária a partir da utilidade dos indivíduos. De acordo com Sen (1986), “a popularidade desta visão pode ser atribuída à crença peculiar de que a escolha (...) é o único aspecto humano que pode ser observado”.

A partir do trabalho de Easterlin (1974), cuja relevância percebida aumenta a partir da última parte da década de 1990 – quando um conjunto de economistas começou a realizar análises empíricas

de larga escala sobre os determinantes da felicidade em diferentes países e períodos – o interesse econômico na mensuração do bem-estar individual subjetivo cresceu consideravelmente.³

Uma visão subjetiva de utilidade reconhece que cada pessoa tem suas próprias ideias sobre felicidade e sobre o que é uma vida boa. Nesta perspectiva, o comportamento observado seria um indicador incompleto para o bem-estar individual. A felicidade dos indivíduos poderia ser captada perguntando-se diretamente às pessoas o quão satisfeitas elas estão com suas vidas. As variáveis de interesse estão baseadas no julgamento que elas fazem de si mesmas, de acordo com a premissa de que são os melhores juízes sobre a qualidade geral de suas vidas e, portanto, nenhuma estratégia poderia ser mais natural e direta do que lhes perguntar sobre seu nível de bem-estar. A principal ideia é que o conceito de felicidade subjetiva possibilitaria captar diretamente o bem-estar humano, em vez de mensurar renda ou outras variáveis, que não são exatamente o que, ao fim e ao cabo, as pessoas querem, mas que, contraditoriamente, são os meios através dos quais se pode conseguir – ou não – usufruir da felicidade.

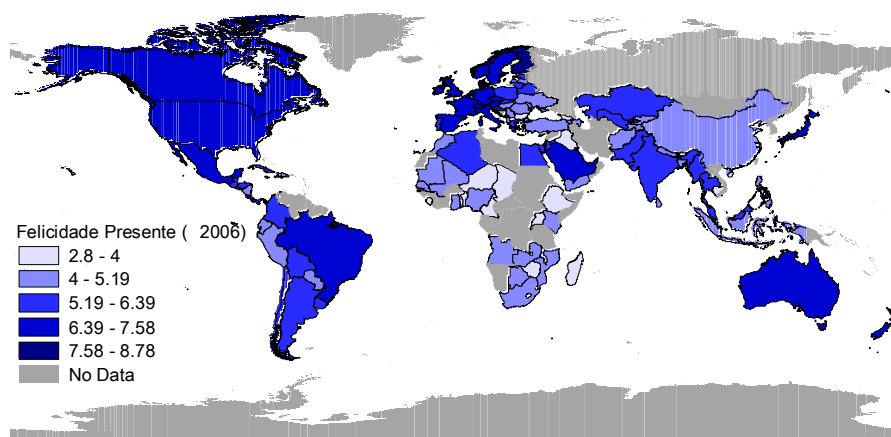
Segundo Frey e Stutzer (2002), bem-estar (*well-being*) subjetivo é um conceito mais amplo do que a utilidade da decisão e, portanto, é o objetivo final da existência de cada indivíduo. Os autores sustentam que, para muitos fins, a felicidade, ou o bem-estar subjetivo relatado, é uma aproximação empírica satisfatória para a utilidade individual. Como as pessoas mensuram seu nível de bem-estar subjetivo em relação às circunstâncias pessoais e às outras pessoas, incluindo experiências passadas e expectativas futuras, Frey e Stutzer (2002) sugerem que medidas de bem-estar subjetivo sirvam como medidas de utilidade. Ademais, como o propósito de medir a felicidade não é comparar seus níveis no sentido absoluto mas identificar os determinantes da felicidade, como será feito aqui, não é necessário assumir que o bem-estar subjetivo relatado seja, de forma cardinal, mensurável ou comparável entre as pessoas. Além disso, diversos autores encontraram alta correlação entre felicidade reportada e sorriso. Outros encontraram a mesma correlação entre infelicidade, cérebro e atividade cardíaca – “estas mensurações subjetivas parecem conter quantidades substanciais de variação válida”.

³ Para sumários da literatura, ver Kahneman, Diener e Schwarz (1999) e Frey e Stutzer (2002).

3 A EVIDÊNCIA INTERNACIONAL

Angus Deaton (2007), usando dados do Gallup World Poll de 2006, mais ricos em conteúdo e em número de países em relação às pesquisas anteriores, desafia as interpretações mais ou menos estabelecidas da literatura empírica prévia, em particular a de que “dinheiro não traz felicidade (ou seja, satisfação com a vida no longo prazo)”. O artigo de Deaton (2007) é a referência-chave dissonante da literatura empírica. Serão empregados os mesmos dados usados por Deaton, disponíveis para 132 países, explorando exercícios simples bivariados de satisfação com a vida, em níveis e diferenças através de diferentes horizontes, contra o produto interno bruto (PIB) *per capita* ajustado pela paridade do poder de compra (PPP), a fim de se comparar laranjas com laranjas entre países. O mergulho inicial sobre a satisfação com a vida em 2006 aponta que Togo ocupa a lanterninha, com 3,2, numa escala de 0 a 10; e a Dinamarca, o ápice, com 8,02. O Brasil está numa posição mais para a nação europeia do que para a africana, atingindo 6,64, situando-se acima da norma internacional de felicidade dado o seu PIB *per capita*, conforme ilustram a figura 1 e, posteriormente, o gráfico 1 A, B e C.

FIGURA 1 – Felicidade presente: satisfação com a vida hoje (2006)



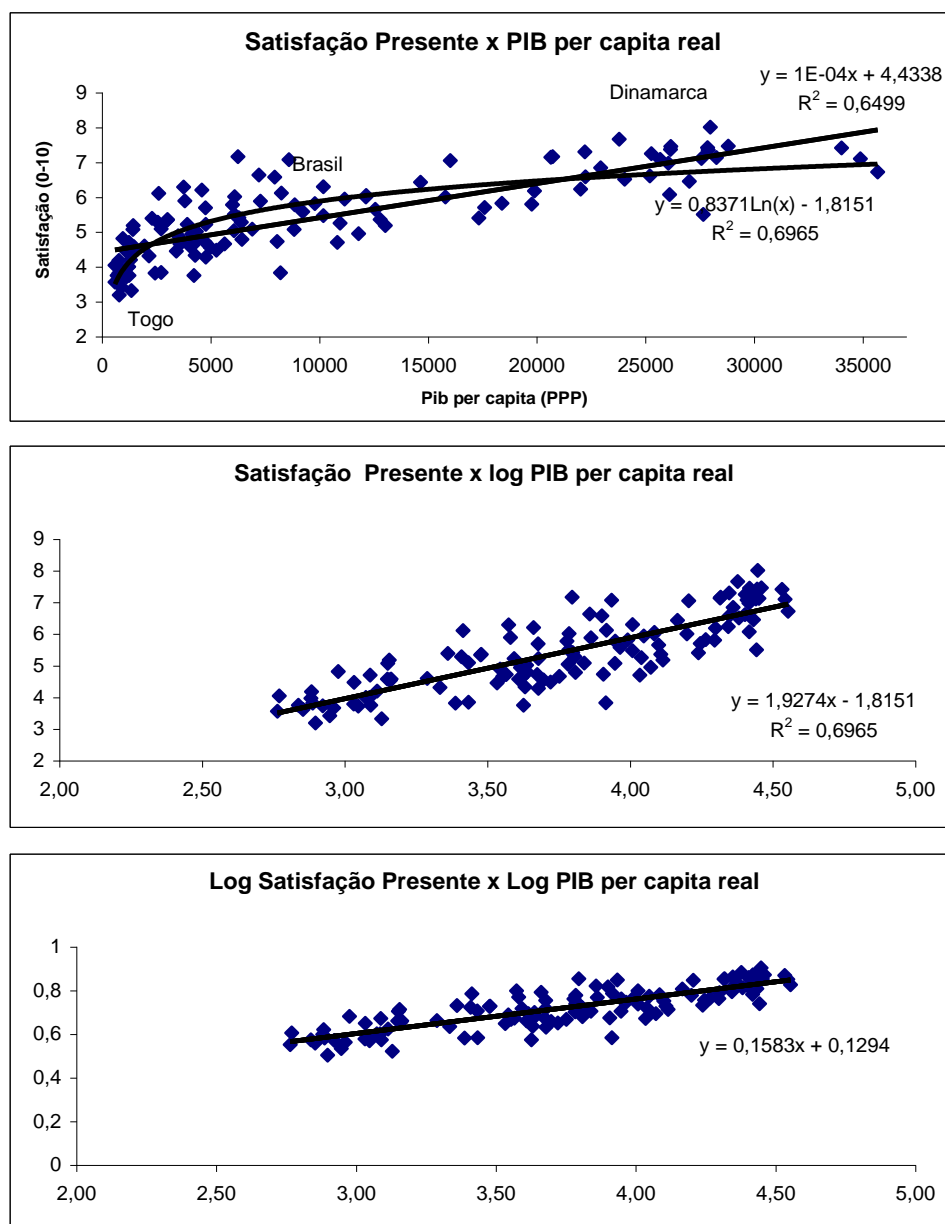
Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

Deaton trabalha basicamente com regressões de médias entre países (*cross-country regressions*). O exercício apresentado neste trabalho sugere que uma especificação *log*-linear se ajusta melhor aos dados do que uma especificação em nível, implicando uma relação côncava. O gráfico 2 mostra uma relação quase linear entre *log* de renda e satisfação com a vida presente, o que poderia se suspeitar da linha de tendência logarítmica melhor ajustada aos dados que a reta do gráfico anterior. O gráfico 3 assinala que a dupla relação em logaritmos aqui proposta parece adequar-se ainda melhor aos

dados – que é inclusive mais condizente com o modelo teórico usado pelo próprio Deaton. Neste último caso, o coeficiente estimado informa diretamente que a elasticidade-renda de longo prazo da felicidade seria constante: para cada 10% de incremento de renda, a felicidade subiria algo como 1,5% no longo prazo.

Gráfico 1

Correlação entre PIB e Satisfação com a Vida Testando formas funcionais diferentes



Fonte: Microdados da Gallup World Poll 2006 e Pen World Tables

Fonte: microdados da Gallup World Poll 2006 e Pen World Tables.

3.1 Microdados de riqueza e felicidade

Na comparação internacional (tabela 1), são utilizados os microdados de acesso à telefonia fixa como medida das condições materiais de vida individuais (e não agregadas), disponível nos dados para o conjunto de países.⁸ A partir de um modelo logístico multinomial ordenado com controles sociodemográficos usuais, como gênero, idade e tamanho de cidade, demonstra-se como mudanças na riqueza (nesse caso medidas pelo acesso à telefonia) se relacionam com a felicidade, tomando o Brasil como base.

TABELA 1 Diferencial de correlação parcial: felicidade e acesso à telefonia (como *proxy* de riqueza)

País	Coeficiente	p-valor	País	Coeficiente	p-valor
Chipre	1,4321	0,0003	Paraguai	0,6005	0,0005
Arábia Saudita	1,403	0,0004	Azerbaijão	0,5876	0,0001
Romênia	1,3162	<,0001	Panamá	0,5782	0,0004
El Salvador	1,0784	<,0001	Jamaica	0,5658	0,0028
Singapura	1,0459	0,0351	Sérvia	0,5652	0,0003
Uruguai	0,9434	<,0001	Costa Rica	0,5116	0,0038
Camboja	0,9371	0,013	Afeganistão	0,5085	0,052
Polônia	0,9366	<,0001	Equador	0,506	0,0015
Israel	0,9358	0,0009	China	0,4962	0,0002
Argélia	0,915	0,0016	Bangladesh	0,4879	0,0737
Índia	0,9023	<,0001	Albânia	0,4833	0,0049
Sri Lanka	0,8853	<,0001	Cuba	0,4789	0,0026

⁸ Há uma correlação forte entre inclusão digital e felicidade entre países: a cada 10% de ganho na primeira, a felicidade presente sobe 2,2%. Entretanto, não se pode dizer que inclusão telefônica traz felicidade ou vice-versa.

Venezuela	0,8746	<,0001	Chile	0,4712	0,0054
Jordânia	0,8742	<,0001	Bolívia	0,4699	0,0039
Marrocos	0,8589	<,0001	Cazaquistão	0,4457	0,005
Palestina	0,8586	<,0001	Bósnia Herzegovina	0,4283	0,0095
Turquia	0,8275	<,0001	Eslováquia	0,419	0,0077
Mianmar	0,7942	0,0009	Filipinas	0,4178	0,017
Peru	0,7883	<,0001	Moldova	0,4164	0,0133
Hungria	0,7759	<,0001	Armênia	0,4137	0,011
Egito	0,7734	<,0001	Indonésia	0,4109	0,0149
Colômbia	0,7605	<,0001	México	0,388	0,0342
Rep. Dominicana	0,7341	<,0001	Ucrânia	0,3817	0,0182
Nepal	0,7088	<,0001	Macedônia	0,381	0,0387
Líbano	0,6528	0,0018	Uzbequistão	0,3461	0,0322
Bulgária	0,6503	<,0001	Geórgia	0,3404	0,0293
Croácia	0,6394	0,0168	Laos	0,3148	0,0359
Argentina	0,6166	0,0016	Irã	0,3126	0,0718
Guatemala	0,6093	0,0003	Rússia	0,2521	0,082

Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

Observa-se, a partir dos resultados apresentados (que só mostram as relações estatisticamente diferentes de zero), que nenhum país do mundo apresenta diferenças de correlação entre felicidade presente e acesso à telefonia menor que o Brasil. Há países com relações estatisticamente equivalentes, mas não menores. Isso pode sinalizar um baixo impacto de ativos de tecnologias da informação e comunicação (TICs) ou, numa interpretação de sinais de riqueza em geral, na felicidade do brasileiro.

4 FELICIDADE E OS PESOS DO IDH

As estruturas teóricas e empíricas da pesquisa de Deaton (2007, 2013) são bastante úteis para a realização deste estudo. A análise usa um modelo intertemporal padrão, incorporando, de maneira explícita, renda e taxas de sobrevivência, de um modo bastante apropriado para incorporar parte da estrutura do IDH usada, na qual renda e expectativas de vida ocupam um papel central.

Deaton (2007) não faz qualquer referência direta ao IDH em seu trabalho. A especificação empírica dos determinantes da satisfação com a vida usa não apenas as principais variáveis do IDH original, tais como o PIB *per capita* e expectativa de vida, mas também a forma funcional utilizada no artigo para a primeira variável, ou seja, o *log* do PIB é usado no IDH. O componente Educação do IDH, que não está presente no quadro de Deaton, pode afetar mais diretamente a restrição orçamentária pelas vias da geração de renda do que os níveis de felicidade alcançados e serão incorporados ao quadro empírico.

Uma crítica comum ao IDH é o fato de que os pesos dados a cada um de seus componentes (renda, saúde e educação), um terço para cada, são arbitrários. Esta parte do capítulo trata desta questão, aproveitando perguntas sobre satisfação com a vida presente extraídas da pesquisa do Gallup, dadas em nível micro, como variável endógena. A estimativa de uma "função felicidade", usando componentes do IDH agregados como variáveis explicativas e restrições fazendo somar 1 em um quadro linear de mínimos quadrados restritos permitirá a estimativa dos pesos relativos atribuídos a renda, saúde e educação no bem-estar subjetivo.

TABELA 2

Pesos Específicos do IDH para a satisfação com a vida presente

Estimativas dos parâmetros		
Variável	Estimativa do parâmetro	Erro-padrão
Intercepto	2,6338	0,0292
Matrícula bruta	0,0224	0,0007
Alfabetização	0,003	0,0005
PIB	0,6643	0,0564
Saúde	0,3103	0,0564
Restrito	3429,1786	66,2861

Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

Os resultados da regressão da tabela 2 mostram um peso de 66% atribuído ao PIB, de 31% em relação à expectativa de vida, de 2,2 % para as taxas de matrícula bruta e 0,3% para o indicador de alfabetização. Isso significa que, de acordo com os critérios de satisfação com a vida atual, o peso deve ser de dois terços para a renda, de 31% para a saúde e menos de 3% para ambos os componentes de educação tomados conjuntamente. Logo, no arcabouço expandido do IDH, a renda explica cerca de dois terços da variância explicada da felicidade.

5 FELICIDADE NO TEMPO

Além de satisfação presente com a vida, tirou-se partido de questões sobre satisfação tanto prospectivas (cinco anos à frente) como retrospectivas (cinco anos atrás). A principal aposta e o melhor argumento aqui é que tais questões são construções úteis, pois elas são geradas dentro dos mesmos níveis de aspirações individuais. Se a renda muda, os níveis de aspirações subjetivas que interagem com dados de realidade objetivos também mudam a longo prazo. A corrida entre movimentos ao longo das curvas de felicidade *versus* renda e o deslocamento das mesmas curvas configuram o epicentro da discussão de adaptabilidade às circunstâncias.

Os níveis de satisfação observados em diferentes instantes, resultados da combinação entre fluxos de renda ou estoques percebidos de riqueza com as aspirações, fazem as funções de produção de felicidade se deslocar. Os dados longitudinais vistos desde um ponto do tempo combinam o mesmo efeito fixo individual e temporal. Ainda que tivéssemos dados que acompanhassem as mesmas pessoas ao longo do tempo, a comparação entre os níveis de satisfação auferidos entre diferentes instantes envolveria classes diferentes de aspirações, além de variáveis objetivas como condições materiais diversas. De modo a analisar a formação da satisfação com a vida a curto prazo, deve-se separar aspirações de outros determinantes. Ao trabalhar com diferentes momentos no tempo, mas vistos simultaneamente de um ponto específico – o instante em que a entrevista é feita – o nível de aspiração individual pode ser tomado como constante na comparação temporal. Essa é a presunção dos modelos temporais, nos quais o problema é resolvido, dependendo não apenas das expectativas de variáveis futuras mas também na esperada estrutura de utilidade num certo momento – geralmente, no presente.

Os exercícios de regressões que propomos como diversos conceitos demonstram que a renda corrente tem mais impacto sobre a felicidade presente do que sobre o futuro, o que seria consistente com a presença de miopia, impaciência, defasagens de hábitos, incertezas ou de restrições no mercado de crédito que tornariam a felicidade presente mais sensível a mudanças de renda observadas no mesmo período. Todos estes elementos são também candidatos a explicar a trajetória crescente de felicidade ao longo do tempo.

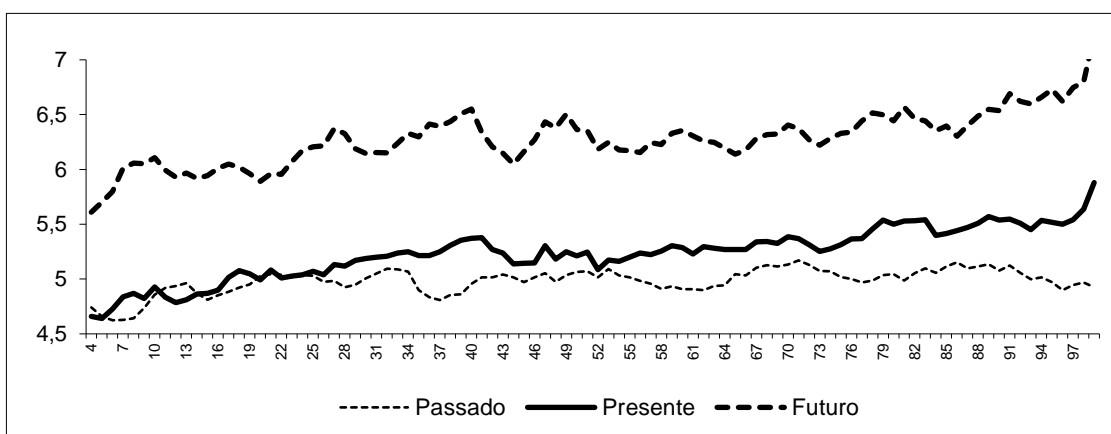
5.1 Felicidade latina

Além da atual satisfação com a vida, também são discutidas neste trabalho expectativas de satisfação cinco anos adiante (2012) e memórias de satisfação com a vida há cinco anos (2002), bem como as diferenças absolutas entre estes conceitos. O universo captado agora é o da América Latina e Caribe

em 2007, do qual se dispõe de dados individuais de renda comparáveis pela paridade do poder de compra (PPC).⁹ Mais uma vez, este intervalo cobre um período de grande crescimento econômico. Portanto, num contexto em que um futuro brilhante não pode ser antecipado em termos de felicidade presente, é natural que a atual satisfação com a vida esteja acima de seus valores passados. Similarmente, devido a perspectivas de crescimento acelerado antes das instabilidades financeiras globais de 2008, a futura satisfação com a vida também está acima dos níveis atuais. A diferença maior de ganhos de felicidade prospectivos *vis-à-vis* os ganhos retrospectivos parecem dar suporte e importância a não convexidades do modelo básico de escolha temporal, mais de natureza *ex ante* do que *ex post*. Por exemplo, no caso de defasagem de hábitos, quando as pessoas olham as conquistas que ficaram para trás já estão com as aspirações ajustadas aos ganhos materiais realizados, enquanto o olhar ao futuro é mais fresco, com aspirações ainda inalteradas pela experiência de subir na vida.

Há de se considerar que este período corresponde à era dourada da economia mundial, observada desde 2002 até 2007, em termos de expectativas para os próximos cinco anos. A relação positiva entre a atual renda *per capita* e a satisfação com a vida em diferentes horizontes de tempo fica clara no gráfico 4, apresentado a seguir. As curvas são muito mais pronunciadas para a satisfação atual e especialmente futura do que para a passada.

GRÁFICO 4 Satisfação com a Vida e Renda na América Latina e Caribe: bem-estar presente, passado e futuro e renda *per capita* (Média móvel 5 percentis)

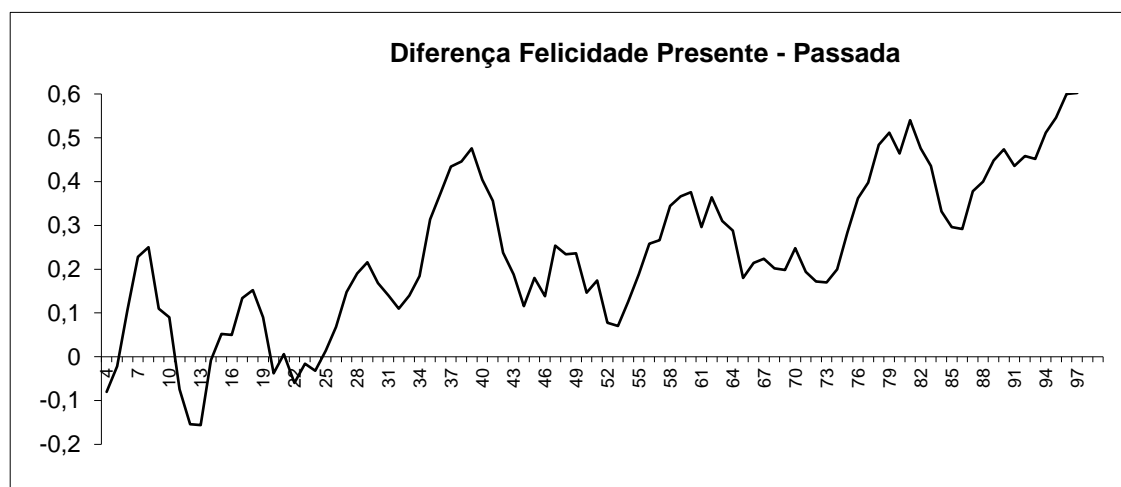


Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

⁹ Isto é feito apenas para América Latina em função da disponibilidade de dados construídos de renda *per capita* ajustada por PPC gentilmente cedidos por Leonardo Gasparini do Centro de Estudios Distributivos, Laborales Sociales (CEDLAS) da Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

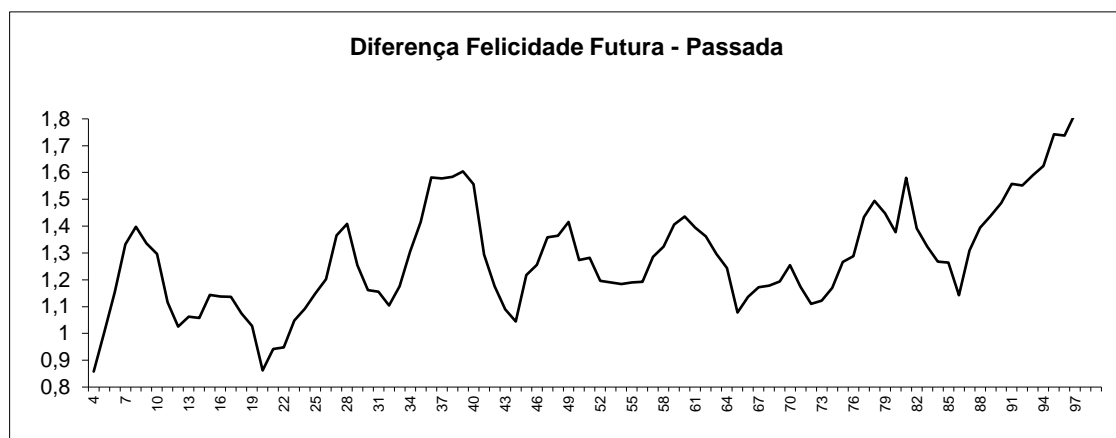
A diferença entre felicidade presente e passada e entre felicidade futura e passada são apresentadas nos gráficos 5 e 6.

GRÁFICO 5 Satisfação com a vida e venda na América Latina e Caribe: diferença entre felicidade presente e passada e renda *per capita* (Média móvel 5 percentis)



Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

GRÁFICO 6 Satisfação com a vida e renda na América Latina e Caribe: diferença entre felicidade futura e passada e renda *per capita* (Média móvel 5 percentis)



Fonte: microdados do Gallup World Poll 2006.

A atual satisfação com a vida é muito mais alta do que seu correspondente valor passado para aqueles percentis de renda mais elevados. Estes grupos de renda presente superior captam uma maior proporção de efeitos transitórios positivos que separam a satisfação presente da passada. Pelas mesmas razões, indivíduos com renda atual mais alta apresentam ganhos mais modestos em relação à satisfação futura frente à presente do que níveis de renda mais baixos. A evidência parece corroborar pelo menos algumas das considerações que inspiraram a obra seminal de Milton Friedman, *A theory of the consumption function* (1957). A ideia de renda permanente também parece estar influenciando a noção de satisfação com a vida para além dos efeitos diretos da renda atual.

Segundo Adam Smith, o pai da disciplina, o estudo da economia deveria tratar como central a determinação do nível de felicidade individual. Não se deve rejeitar a renda e a riqueza como determinantes da satisfação com a vida dos indivíduos. Nesta visão, o livro de Smith, *Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações*, mais conhecido como *A riqueza das nações*, poderia ser intitulado de “A felicidade geral das nações”.

Indo para os detalhes mais dinâmicos da relação entre renda e felicidade, ao se interpretar de maneira literal as “funções instantâneas de felicidade” em diferentes instantes do tempo, verifica-se que o peso relativo atribuído à renda corrente muda entre eles, dando suporte a uma visão mista em que os indivíduos suavizam a sua satisfação frente a mudanças observadas entre diferentes instantes do tempo e estados da natureza, mas o fazem de forma parcial ou imperfeita. Um próximo passo será precisar os canais que levam a este resultado a partir de um modelo temporal aditivo, tirando partido de outras variáveis contidas na base de dados, como estoque de riqueza, acesso a crédito e incerteza. Outra extensão mais em linha com a literatura anterior é analisar como a relação entre renda e felicidade muda de acordo com a trajetória individual e circunstâncias agregadas, como aquelas relacionadas às condições da economia dos países e de grupos de referência (efeito inveja). Finalmente, o estudo das relações entre a idade dos indivíduos e a satisfação presente e futura pode fornecer *insights* interessantes no teste de implicações da Teoria do ciclo de vida, de Franco Modigliani, que é um marco natural de análise para se estudar a evolução da satisfação com a vida das pessoas.¹⁰

¹⁰ Por estrutura esperada da utilidade do tempo de vida, o autor quer dizer: funções de felicidade instantânea para diferentes períodos e o modo como estas funções interagem entre si ao longo do tempo. Por exemplo, pode ser uma estrutura aditiva simples onde se assume que não há interação no tempo, além daquela referente à restrição de tempo do orçamento, ou pode incorporar a explícita dependência do tempo, como defasagem de hábitos, e do entorno como

6 RENDA E FELICIDADE NO BRASIL: CORTE TRANSVERSAL

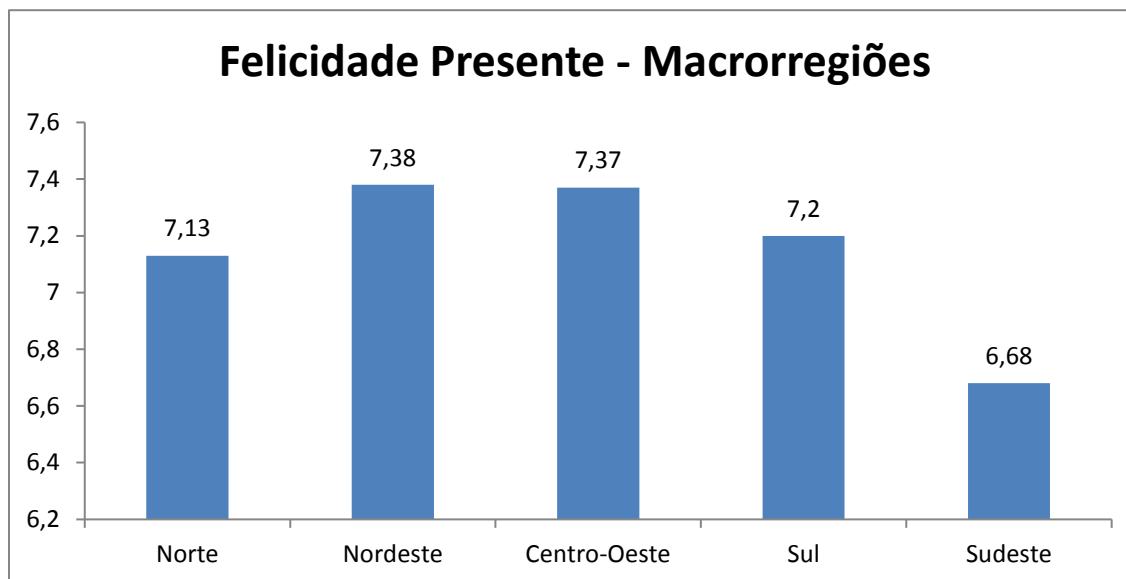
A dimensão subjetiva de felicidade não encontra eco nas estatísticas produzidas no Brasil. Em função disso, o Ipea foi a campo, em outubro de 2012, para uma amostra representativa do país, com 3.800 entrevistas junto à população com 15 anos ou mais. O questionário foi composto, entre outras, de perguntas padronizadas de pesquisas internacionais aqui divulgadas em primeira mão. Mais especificamente, explorou-se medições dos níveis de felicidade reportados diretamente pelas pessoas. A pergunta utilizada foi simples, pedindo ao entrevistado uma nota de 0 a 10 sobre sua satisfação com a vida corrente. A pesquisa do Ipea mostrou que a nota média de felicidade brasileira, em outubro de 2012, foi 7,1, o que colocaria o país em 16º lugar entre 147 nações do globo, segundo dados do Gallup World Poll de 2011 – que apontaram, em 2010, uma felicidade geral de 6,8 no Brasil.

6.1 Felicidade nordestina

Apesar de pobre, a região mais feliz do país é o Nordeste, com nota média de 7,38. Se fosse um país, a região Nordeste estaria em 9º lugar no *ranking* global, entre a Finlândia e a Bélgica. As médias das demais regiões são 7,37 no Centro-Oeste, 7,2 no Sul, 7,1 no Norte e 6,68 no Sudeste (gráfico 7).

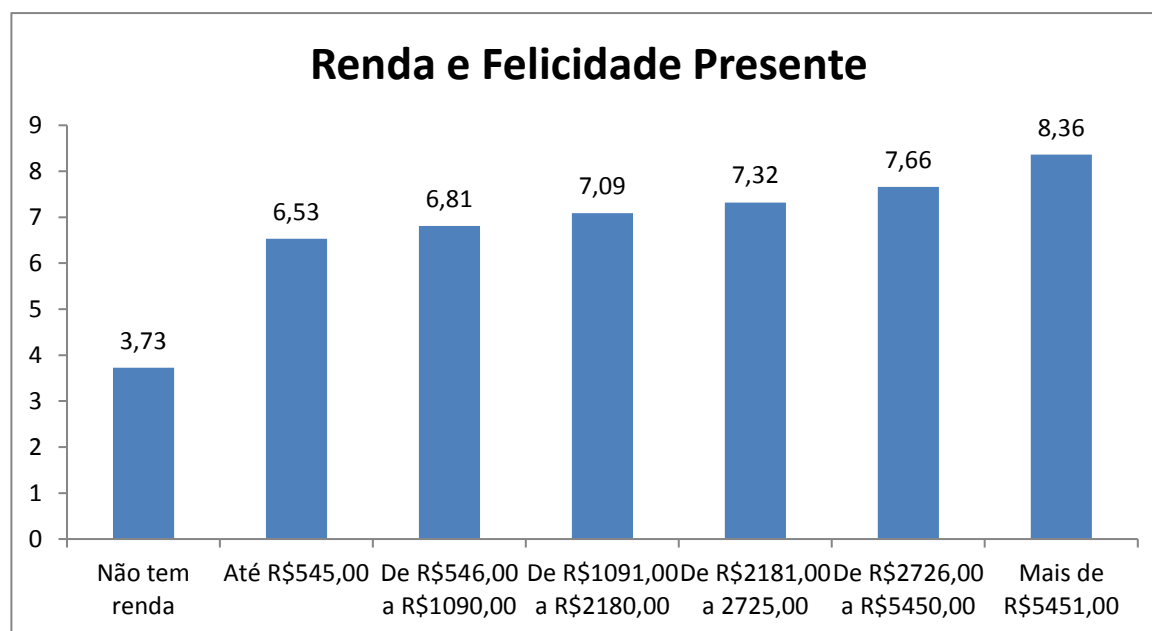
no efeito *inveja* (*keeping up with the Jones*). As estruturas aditivas permitem inferências mais simples sobre a relação entre a duração da vida e a utilidade instantânea.

GRÁFICO 7 - A geografia da felicidade presente – macrorregiões



Fonte: microdados IPEA 2013.

GRÁFICO 8 - Renda e felicidade

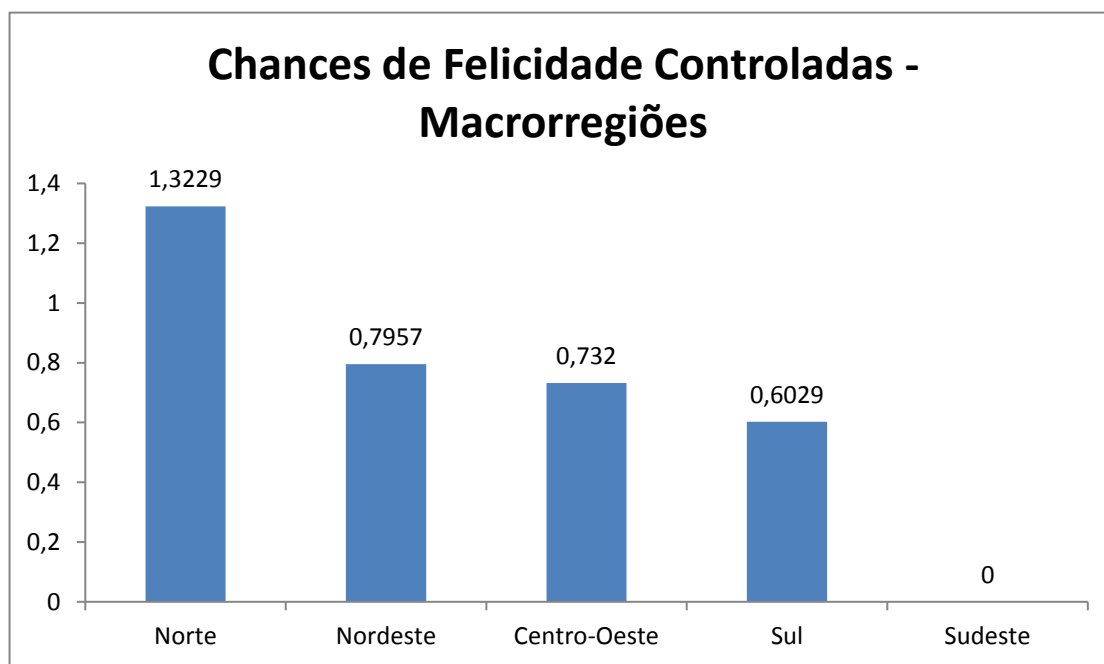


Fonte: microdados IPEA 2013.

6.2 Felicidade controlada

Exercícios controlados mostram que, quando se comparam pessoas com os mesmos atributos de sexo, idade, estado civil, escolaridade e renda familiar, a felicidade relativa do Nordeste é a maior e a do Sudeste é a menor, ficando as demais regiões no meio do caminho, conforme demonstra o gráfico 9, apresentado a seguir.

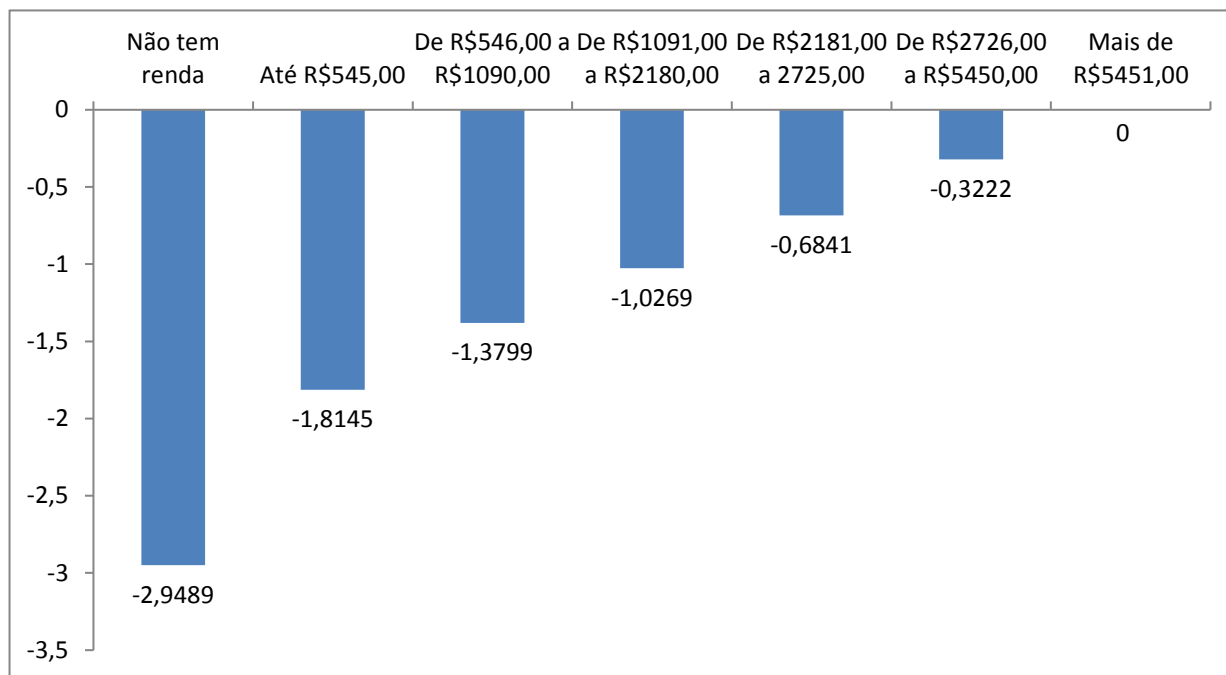
GRÁFICO 9 Chances de felicidade controlada: geografia da felicidade brasileira – macrorregiões



Fonte: microdados IPEA 2013.

A partir dos mesmos exercícios controlados apontados anteriormente, quando foram feitas comparações entre pessoas com os mesmos atributos de sexo, idade, estado civil, escolaridade e renda familiar, a felicidade cresce com a renda (gráfico 10).

GRÁFICO 10 Felicidade controlada



Fonte: microdados IPEA 2013.

Ou seja, o exercício atesta que o nível de renda familiar acompanha o nível de felicidade brasileira.

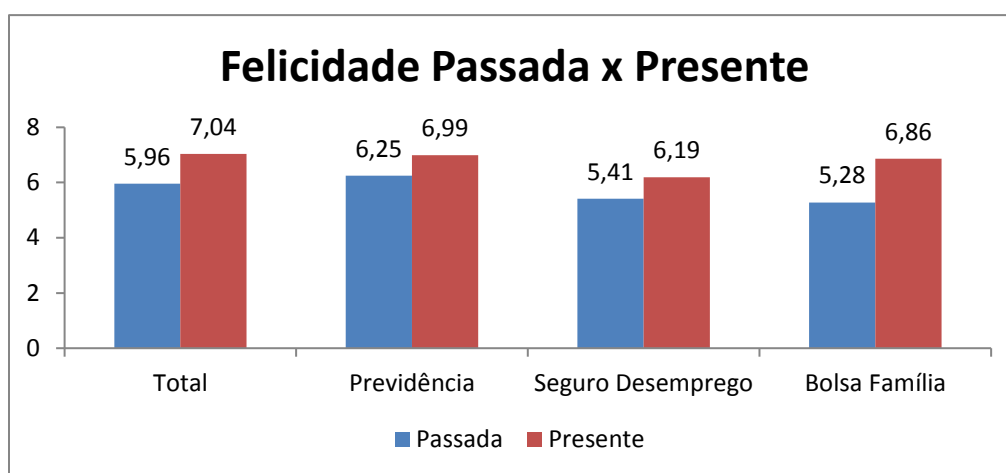
7 POLÍTICAS DE RENDA E MUDANÇAS NA FELICIDADE

Antes de entrar no teste central do capítulo, vale ressaltar que em todos os dados analisados há uma relação positiva entre a satisfação presente com a vida e a renda, tanto no mundo como no Brasil. Convém destacar também que a felicidade brasileira é relativamente pouco sensível à renda. A baixa sensibilidade dos dados brasileiros em relação à renda é demonstrada pelo fato de a região Nordeste, embora a mais pobre, apresentar o maior nível de felicidade presente. Talvez o fato determinante não seja o nível mas a variação de renda observada nos últimos anos, o que pode ser explicado pelo fato de o Nordeste ter apresentado taxas de crescimento de renda superiores às de outros lugares do Brasil.¹¹

Boa parte da relação entre renda e felicidade no Brasil é explicada pela passagem daqueles sem renda para a faixa de menor renda positiva pesquisada, até um salário mínimo de renda familiar total. Isso sugere um potencial impacto de políticas redistributivas mais focalizadas nos mais pobres. Os dados da pesquisa de campo realizada pelo Ipea sobre a satisfação com a vida presente e passada da população total e dos beneficiários de diferentes programas de transferência de renda evidenciam alguns resultados iniciais de interesse (gráfico 11).

GRÁFICO 11

Felicidade passada *versus* presente: transferências sociais e mudanças de satisfação com a vida



Fonte: microdados IPEA 2013.

¹¹ Entre 2002 e 2012, o PIB do Nordeste cresceu duas vezes mais rápido que o do Sudeste, e a renda familiar *per capita*, conferida por meio de pesquisas domiciliares, aumentou cerca de três vezes mais.

Os beneficiários do Bolsa Família são os que apresentam o menor nível de felicidade passada: 5,28 contra 5,96 da população total (6,25 dos aposentados e pensionistas da previdência e 5,41 dos recebedores de seguro desemprego). Como o programa Bolsa Família é focalizado nos mais pobres, este resultado sugere que, de fato, renda e satisfação passada com a vida são indicadores positivamente relacionados. Se compararmos com o *ranking* global de felicidade passada do Gallup de 2006, cuja variação ia da Dinamarca (7,3) a Angola (2,6), a nota média de 5,28 dos beneficiários do Bolsa Família os colocaria inicialmente entre o Paquistão e o Paraguai, e a nota de 6,1 dos não beneficiários do programa os colocaria entre Inglaterra e Estados Unidos.

Agora, ao se analisar a felicidade corrente em 2012, os diferenciais entre os diversos públicos são bem reduzidos, variando de 7,04 da população total, passando pelos 6,99 dos beneficiários da previdência e 6,86 daqueles do Bolsa Família e chegando a 6,19 dos recipientes do seguro desemprego.¹²

De fato, esta mudança relativa é explicada pelo maior ganho de felicidade presente em relação à passada dos beneficiários do Bolsa Família, que atinge 29,9% contra 11,8% e 14,4% dos atuais beneficiários da previdência e do seguro desemprego, respectivamente, e 18,1% da população brasileira como um todo.

Há, obviamente, diferenças de perfis dos beneficiários que precisam ser levadas em conta, como idade, gênero, estado civil e região, sem falar em renda. O teste final, aqui proposto, tira partido da relação controlada por estes fatores entre variação de renda implícita na expansão do Bolsa Família e a variação de felicidade da mesma pessoa ao longo do tempo. Os resultados indicam que os beneficiários ganham um adicional de 0,41 ponto de felicidade em relação aos não beneficiários. Estes dados, tomados a valor de face, apontam que políticas redistributivas, cujo maior exemplo no caso brasileiro é o Bolsa Família, levariam, em termos agregados, a uma maior felicidade geral da nação.

¹² Esta inversão de *ranking* entre os beneficiários do Bolsa Família e os do seguro desemprego está em linha com a literatura internacional, que sugere que desempregados, mesmo controlando pela respectiva renda, são mais infelizes. Incidentalmente, este resultado está em desacordo com a teoria convencional de escolha entre lazer e renda.

8 CONCLUSÃO

Diversos estudos questionam a relação de longo prazo entre renda e felicidade, teoria conhecida na literatura como o Paradoxo de Easterlin. O lançamento dos dados do Gallup World Poll a partir de 2006, cobrindo mais de 132 países, adicionou mais graus de liberdade e ampliou o horizonte geográfico da discussão. O trabalho pioneiro de Deaton (2007), usando essa nova base de dados, reembalhou as cartas de felicidade com as notas de dinheiro. Sem ainda fazer apostas definitivas em dinheiro como causa principal da felicidade, o capítulo demonstra que uma especificação empírica em duplo *log* apresenta uma descrição ainda mais próxima da relação entre renda e satisfação com a vida. O artigo mostra que, ao se correlacionar os dados de satisfação com a vida do Gallup World Poll com os componentes do IDH, a renda explicaria cerca de 66% da variação da satisfação com a vida presente, contra 31% da expectativa de vida, ficando menos de 3% explicados pelos dois componentes de educação.

Vale a pena frisar um par de resultados empíricos extraídos dos dados internacionais do Gallup e dos dados brasileiros do Ipea acerca da felicidade individual presente. O primeiro ponto é que há uma relação positiva entre a satisfação presente com a vida e a renda, tanto no mundo como no Brasil. O segundo é que a felicidade brasileira é relativamente pouco sensível à renda, como no referido Paradoxo de Easterlin. Este ponto é exemplificado pelo fato de que nenhum país do mundo, entre os 132 pesquisados, apresenta menor correlação entre as duas variáveis do que o Brasil. A baixa sensibilidade dos brasileiros em relação às condições materiais de vida e renda é demonstrada pelo fato de a região Nordeste brasileira, embora a mais pobre, apresentar o maior nível de felicidade presente.

Boa parte da relação entre renda e felicidade no Brasil é explicada pela passagem daqueles sem renda alguma para a faixa de menor renda pesquisada, o que sugere um potencial de políticas focalizadas nos mais pobres. Este artigo defende o uso de medidas de satisfação com a vida em diferentes instantes do tempo. De fato, a relação controlada por diversos fatores socioeconômicos entre variação de renda implícita na expansão do Bolsa Família e variação de felicidade da mesma pessoa ao longo do tempo traz resultados expressivos. Os dados indicam que os beneficiários do programa ganham um adicional de 0,41 ponto de felicidade em relação aos não beneficiários. Este

resultado, tomado a valor de face, aponta que políticas redistributivas, cujo maior exemplo no caso brasileiro é Bolsa Família, levariam, em termos agregados, a uma maior felicidade geral da nação.

Economistas brasileiros, às vezes, em vez da chamada ciência triste (*the dismal science*, como definido pelo historiador britânico Thomas Carlyle) devem recorrer ao lado brasileiro para entender os comportamentos da população tupiniquim. Afinal o brasileiro, profissão esperança não é exatamente o protótipo do “*Homo Economicus*”.

REFERÊNCIAS

EASTERLIN, Richard A. "Does economic growth improve the human lot? Some empirical evidence." In *Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honor of Moses Abramowitz*, by Paul A. David and Melvin W. Reder. New York: Academic Press, Inc., 1974.

DEATON, A. Income, aging, health and wellbeing around the world: evidence from the Gallup World Poll. National Bureau of Economic Research, Inc., 2007. (NBER Working Paper, n. 13.317).

_____. **The great escape**: health, wealth and the origins of inequality. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2013. 360 p.

FREY, B. S.; STUTZER, A. **The economics of happiness**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.

FRIEDMAN, M. **A theory of the consumption function**. Princeton: Princeton University Press, 1957.

KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Ed.). **Well-being**: the foundations of hedonic psychology. New York: Russell Sage Foundation, 1999.

SEN, Amartya K. (1986). The Standard of Living. In: S. McMurrin (ed.) *Tanner Lectures on Human Values*. Vol.VII. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Sen, A. (1973). *On Economic Inequality*. Oxford: Claredon Press.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LA FONTAINE, J. de. **A cigarra e a formiga**. Barueri: Girassol, 2008.

GRAHAM, C. **Happiness around the world**: the paradox of happy peasants and miserable millionaires. New York: Oxford University Press, 2009.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NERI, M. C. **Inflação e consumo**: modelos teóricos aplicados ao imediato pós-Cruzado. BNDES, 1990, p.145.

_____. **A nova classe média**: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2012. 312 p.

PALOCCHI, A. **Sobre cigarras e formigas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 256p.

PRAAG, B. M. S. Van; FERRER-I-CARBONELL, A. **Happiness quantified**: a satisfaction calculus approach. New York: Oxford University Press, 2008. Revised Edition.



Praia de Botafogo, 190, Sala 1501 - CEP: 22250-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3799-2320 / E-mail: fgvsocial@fgv.br
www.fgv.br/fgvsocial